

HOMOEROTISMO NA GRÉCIA ANTIGA – HOMOSSEXUALIDADE E BISEXUALIDADE, MITOS E VERDADES

LUIZ CARLOS PINTO CORINO*

RESUMO

No período clássico da Grécia Antiga a pederastia era prática comum, tinha função pedagógica e a finalidade de transmissão de conhecimento de homens mais experientes aos jovens. O homem mais velho admirava o mais jovem por suas qualidades masculinas e o mais jovem respeitava o mais velho por sua experiência, sabedoria e comando. No entanto, durante muito tempo, diversos intérpretes analisaram essas relações de forma equivocada, preconceituosa e anacrônica. No presente artigo, temos por objetivo analisar no âmbito cultural as relações homoeróticas na Grécia antiga, demonstrando como estas tinham um caráter muito mais pedagógico do que propriamente sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Grécia Clássica, homossexualidade, bissexualidade, pederastia

Graças ao olhar judaico-cristão de muitos estudiosos do mundo antigo, em diversos momentos a Grécia foi estudada e caracterizada como lugar de “orgias” e “sodomia”. No entanto, precisamos atentar para as peculiaridades culturais deste povo e com olhar histórico estudá-los sem julgá-los, simplificarmente, como uma civilização de homossexuais. Dessa forma, no presente artigo, temos por objetivo analisar no âmbito cultural as relações homoeróticas na Grécia antiga, demonstrando como estas tinham um caráter muito mais pedagógico do que propriamente sexual.

Para compreendermos melhor esse povo, procuremos aqui distinguir as práticas homossexuais do homoerotismo. Antes de tudo, precisamos perceber que o termo “homossexual”, muitas vezes empregado para o povo grego, foi usado pela primeira vez em 1869, quando o autor belga K. M. Kentbeny o usou para argumentar contra as leis rigorosas contra a “sodomia”, na Prússia.

* Bacharel em Direito; acadêmico do curso de História da FURG; pesquisador do GPHA – Grupo de Pesquisa de História Antiga e atualmente desenvolve pesquisa sobre as relações homoeróticas na Grécia Antiga, orientado pela Prof.^a Júlia Silveira Matos.

No final do capítulo referente à pederastia, de seu livro *Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga*, o autor grego N. Vvrissimtzis diz:

De qualquer modo, as diferentes opiniões sobre a homossexualidade e a pederastia que são formuladas de tempos em tempos por vários escritores, principalmente estrangeiros (não gregos), os quais tentam apresentar a Grécia antiga como o paraíso da homossexualidade e os gregos como tendo uma atração natural pelo próprio sexo – não constituem nada mais que a mera expressão de seus próprios anseios! (VRISSIMTZIS, 2002, p. 101).

Neste trabalho, não seremos tão drásticos a esse ponto, mas sim tentaremos esclarecer certos conceitos que envolvem o tema, buscando harmonizá-los e deixando de lado os extremos.

Os principais mitos relacionados à homossexualidade do homem grego chegaram até nós por meio dos antigos romanos, que chamavam o relacionamento entre dois homens de “amor à grega”, mesmo vivendo eles em uma sociedade muito mais libertina que a dos próprios gregos. A literatura ocidental incorporou esse conceito e nos foi passada a idéia de que na Grécia Antiga todo dia era dia de orgia, uma verdadeira Sodoma e Gomorra, idéia essa totalmente equivocada. Sir Kenneth Dover, em seu estudo *magistrae* sobre a homossexualidade grega, concluiu que, na Grécia Antiga, as relações homoeróticas supriam as necessidades de relações pessoais de uma intensidade não encontrada no casamento ou entre pais e filhos. As mulheres eram encaradas como intelectual, física e emocionalmente inferiores; os homens tendiam a se reunir em grupos em que se formavam pares. Plutarco, ao discorrer sobre o assunto, afirmou: “o verdadeiro amor não tem lugar no Gineceu; e eu afirmo que não é amor o que vocês sentem pelas mulheres ou pelas moças. Seria tão absurdo como chamar de amor o que as moscas sentem pelo leite, as abelhas pelo mel e os cozinheiros pelas carnes e iguarias que preparam” (*Sobre o Amor*, 750 a. C.). Disse ainda: “com efeito, o Amor é o que vos liga a almas jovens e bem-nascidas que através da amizade vos conduz a virtude...”.

O relacionamento sexual entre dois homens era visto de forma diferente em Esparta e Atenas. Em Esparta, uma sociedade guerreira, os casais de amantes homens eram incentivados como parte do treinamento e da disciplina militar. Essas práticas dariam coesão às tropas. Em Tebas, colônia espartana, existia o Pelotão Sagrado de Tebas, tropa de elite composta unicamente de casais homossexuais. Eram extremamente ferozes, pois lutavam com muita bravura para que nada acontecesse a seus parceiros. Em campo de batalha eram quase imbatíveis. Assim, podemos ver que a homossexualidade dos

espartanos em nada influenciava sua condição de homens e guerreiros.

No séc. V a. C., Atenas destacava-se em todos os campos do conhecimento. Surgem personalidades marcantes como Péricles na política, Sófocles no teatro, Aristófanes na comédia, Tucídides na história, Fídias na escultura e Sócrates na filosofia. Atenas mostrou sua hegemonia no mundo grego e se transformou em verdadeiro foco de atração. O grau de desenvolvimento político com sua pulsante democracia, as condições privilegiadas da economia, as oportunidades oferecidas aos indivíduos para participar ativamente da vida da cidade, foram fatores importantes no florescimento intelectual de Atenas.

Nessa época existia em Atenas um bairro chamado Cerâmico, com ruelas estreitas, muradas altas e escuras. A vida ali era intensa, dia e noite, de dia com o comércio, pois ali funcionavam as principais oficinas de artífices, e a noite funcionavam cantinas e bordéis. Em Cerâmico, a prática da prostituição era liberada, tanto a feminina como a masculina, praticada por jovens que a usavam para sobreviver, mas às vezes também por jovens de boa família que a praticavam como vício. Como exemplo, temos a história de um jovem ateniense chamado Timarco, de grande beleza e de boa família, que começou a se prostituir nas ruas de Cerâmico e Pireu. Ele buscava o prazer puro e simples. Era um “devasso”, chegando a ter dois amantes ao mesmo tempo. Ao chegar à idade adulta entrou na política, no entanto foi atacado por Ésquines em um discurso que se tornou célebre. Ésquines expôs a público seu passado e por causa disso Timarco veio a suicidar-se. Em outra situação, o escritor Sófocles caminhava por Cerâmico e agradou-se de um jovem que vendia seu corpo no local. Foram os dois para um canto sombrio das muralhas. Depois desse breve encontro, o jovem apossou-se do manto de Sófocles e deixou em seu lugar seu pequeno manto de criança. Sófocles teve que usar essa roupa curtíssima para ir para casa. Ao atravessar Atenas nesses trajes, foi motivo de riso e o caso causou grande rumor na cidade. O filósofo cínico Diógenes também foi testemunha de outro caso: viu certo dia Demóstenes num prostíbulo e, apesar do esforço deste para se esconder, tomou-o pelo braço, levou-o até a rua e o mostrou-o aos transeuntes: “Vejam aqui o chefe do povo ateniense!”. Para evitar ser reconhecido, Demóstenes, o maior representante da eloquência ática costumava freqüentar esse lugar vestido de mulher.

A sociedade e a lei ateniense permitiam a prostituição masculina, mas proibiam seus praticantes de ocupar cargos públicos, pois acreditava-se que se um homem vendesse seu corpo, não hesitaria em vender os interesses da cidade. As relações sexuais entre homens da mesma idade eram consideradas antinaturais, pois significava que um

dos homens adotava a posição passiva, traindo assim a masculinidade que dele requeria o papel de cidadão ativo.

A relação homossexual básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o *erastes* (amante), por um jovem a quem chamavam *eromenos* (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Esse relacionamento era chamado *paiderastia* (amor a meninos), ou, como pode ser melhor compreendido, homoerotismo, e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do *erastes* ao *eromenos*. O que para nós pode parecer anormal, para os gregos era o paradigma da educação masculina, a *paidéia* (educação) que somente se realizava pela *paiderastia*.



FIGURA 1 – Imagem de Aquiles cuidando dos ferimentos de Pátroclo. Prato de figuras vermelhas, séc. V a. C.

FONTE: VRISSIMTZIS, 2002

Na Figura 1, vê-se Aquiles cuidando dos ferimentos de Pátroclo, seu pupilo. Na tradição do período clássico, essa imagem foi

interpretada como os cuidados do *erastes* ao seu *eromeno*. Assim, até imagens de Zeus com Ganimedes foram analisadas como representação do relacionamento homoerótico entre os deuses.

Cabe aqui abrir um parêntese e olhar um pouco a sociedade ateniense. Lá as mulheres estavam destinadas apenas a uma função cívica: reprodução. Após gerar o filho, seu papel dentro da sociedade estava terminado, pois ela não possuía *paidéia* para transmitir qualquer tipo de conhecimento. Essa transmissão cabia ao pai, mas este estava mais preocupado com a política, assim o menino era primeiro educado pelo Estado e depois pelo *erastes*. Na relação *erastes-eromenos*, só o *erastes* buscava a satisfação nessa prática. O *eromenos* não podia nunca demonstrar qualquer tipo de prazer; deveria mostrar-se sempre passivo e não poderia também ser obrigado a esse relacionamento. Ele tinha que ser cortejado pelo *erastes*, receber presentes, até aceitar a relação. Esses presentes tinham caráter simbólico e pedagógico. O galo era símbolo de força e virilidade, ensinando aos jovens o espírito de combate e agressividade. A lebre era entregue ao jovem para que ele a soltasse e saísse em sua perseguição descobrindo o prazer na caçada. Tanto a lebre como o galo eram também símbolos de virilidade, uma espécie de alusão à intensidade de suas atividades sexuais. Presentes de valor pedagógico eram as tabuletas para escrever, os instrumentos musicais, discos de arremesso, os *stlengídeos* (espécie de raspadores utilizados nos banhos) e os frascos de óleo para ungir o corpo. Alguns presentes constituíam uma prova de admiração, como um vaso com o nome do *eromenos* inscrito nele, seguido da palavra *kalós* (belo). Esses vasos eram feitos sob encomenda, mas também havia uma produção industrial especializada, quer contendo a inscrição *país kalós* (belo garoto) – que seria adequada em qualquer ocasião – quer com os nomes dos mais belos jovens de Atenas, pelos quais seguramente havia grande procura por parte dos seus candidatos a *erastes*. Os primeiros encontros aconteciam sempre nos ginásios e casas de banho, onde o *erastes* procurava exercitar-se com o *eromenos* até a exaustão, demonstrando assim sua força física e não somente sua capacidade intelectual. Em matéria de sexo, esse relacionamento tinha também seus critérios, pois o jovem tinha que manter sua condição de passivo, e o mais velho buscava a satisfação por meio da masturbação ou na posição intrafemural. Há controvérsias sobre a prática de sodomia entre os parceiros, e é provável que não existisse, pois nesse ato um dos parceiros teria que ficar em posição de submissão, próprio de mulheres, além de não se ter notícia de iconografia mostrando tais práticas.

Não podemos esquecer que tanto o *erastes* como o *eromenos* pertenciam a famílias que tinham a mesma posição social e portanto, os

eromenos de hoje seriam os *erastes* de amanhã e participariam ativamente da vida pública da cidade. Esse relacionamento tinha tempo para terminar, ou seja, quando o jovem se tornasse adulto, nesse momento essa relação amante-pupilo se transformaria em uma relação de amizade e o jovem, agora adulto, deveria buscar seu próprio *eromenos* e no devido tempo deveria encontrar uma fêmea, casar e ter filhos. Não se levava em conta apenas a idade cronológica, mas também sinais externos, como a primeira barba e a resistência física.

Dessa forma, podemos dizer que a sociedade grega era bissexual, mas dentro de certos limites. A sociedade grega aceitava a prostituição mas proibia seus participantes de ocupar cargos públicos; aceitava o relacionamento entre um homem mais velho e um jovem, mas nunca entre homens da mesma idade, não aceitando também o homem afeminado. Podemos então concluir que tudo estava relacionado com a masculinidade. Em momento algum o homem grego podia perder a qualidade de “macho” dominante, para não ser comparado à mulher e sua conseqüente imagem frágil, escravos ou jovens, elementos submissos dentro de uma sociedade extremamente machista.

BIBLIOGRAFIA

VRISSIMTZIS, Nikos. *Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, São Paulo, 2002.

SALLES, Catherine. *Nos submundos da Antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2004.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates – Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Amor e sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.